

"(...) a velocidade da desinflação em um cenário de atividade forte e mercado de trabalho resiliente voltou a ser tema de grande debate."

Ata da 261ª Reunião - 19-20 março, 2024

MERCADO DE TRABALHO: BRASIL

Decidimos trazer o debate sobre o mercado de trabalho nesta carta, pois a nossa autoridade monetária está preocupada com sua recente dinâmica. Um detalhe chama a atenção da última ata do Copom. O termo "mercado de trabalho" foi citado mais de oito vezes ao longo do texto, usando expressões do tipo: "resilientes", "mais apertado", "dinâmico", "aquecido" e até mesmo "pressionado".

Qual é nossa visão sobre esse importante mercado? Temos indícios que o mercado de trabalho vem operando com desequilíbrio, em nossa economia?

Neste mês de março, o Ministério do Trabalho e Emprego divulgou os dados de fevereiro sobre o desempenho da geração e emprego formal na economia brasileira. O Brasil criou 306,11 mil empregos formais em fevereiro, com destaque para o setor de serviços com geração de 193.127 postos de trabalho formais no setor.

Os dados surpreenderam positivamente os analistas e economistas. No acumulado no ano (janeiro e fevereiro) foram criados 474,61 mil empregos formais no país, um aumento de 38,6% na comparação com o mesmo período de 2023, quando foram criados 342,5 mil vagas com carteira assinada.

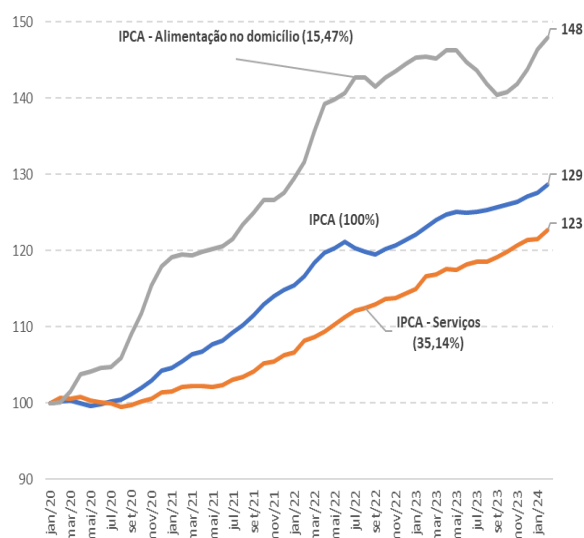
Ademais, quando analisamos os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), também observamos uma melhora no mercado de trabalho em 2023. É claro que na Pnad do IBGE consideramos os informais e, com isso, não podemos fazer uma comparação direta com o Caged. Os números do Caged são coletados das empresas e abarcam o setor privado com carteira assinada, enquanto os dados da Pnad são obtidos por meio de pesquisa domiciliar e abrangem também o setor informal da economia.

O Brasil encerrou o trimestre terminado em janeiro com taxa de desemprego em 7,6%, o que representa estabilidade contra o trimestre anterior, sendo a menor taxa de desemprego para janeiro desde o início da pandemia de Covid-19.

INFLAÇÃO DE SERVIÇOS

A pandemia do Covid-19 gerou efeitos significativos nos preços. Analisando o gráfico 1, podemos observar que desde janeiro de 2020 a fevereiro de 2024, a inflação dos alimentos subiu 48%, liderando a alta dos principais grupos. É importante destacar que esse item representa 15,47% do peso total do IPCA. A inflação de serviços subiu apenas 23%, no período, valor abaixo do IPCA geral que foi de 29%.

Gráfico 1 – Evolução dos Preços Absolutos, Brasil: Jan/20 a Fev/24 (Jan/20 = 100)



Fonte: Rubik Capital e IBGE.

A tendência dos preços de serviços, o qual representa 35,14% do peso do IPCA, é continuar subindo em um ritmo acima da inflação oficial, pois o mercado de trabalho vem apresentando resultados positivos desde 2023 e indicando uma forte recuperação dos salários reais de admissão do Caged. Entendemos, portanto, que o mercado de trabalho vem operando com um excesso de demanda por mão de obra

Com efeito, o processo de desinflação apresentará um ritmo mais moderado e uma dificuldade em atender a meta de inflação de 3,0% para 2025. Esperamos, neste cenário, que o Copom venha a reduzir o ritmo de redução da taxa de juros Selic com o objetivo de acompanhar e analisar com mais detalhe o comportamento dos rendimentos nominais e reais dos trabalhadores.